



Ressignificações da sexualidade na produção audiovisual de pornografia feminista.

Liliana Rocha Fernandes
Mestranda no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e
Territorialidades

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: lilianarochafernandes@gmail.com

Orientador(es): Profº. Dr. Erly Vieira Júnior
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

Resumo

Apresentamos o atual andamento da pesquisa de dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades - Universidade Federal do Espírito Santo, que pretende, em síntese, analisar produções audiovisuais de pornografia feminista. Ao mesmo tempo, entendemos necessário trabalhar as possíveis contradições existentes entre a pornografia cunhada “feminista” ou “para mulheres”, em cotejo com as teorias feministas de segunda geração (anti-pornográficas). Para obter o pretendido embasamento teórico, será utilizada ampla pesquisa bibliográfica. Já no que concerne aos territórios simbólicos em que coabitam as diversas narrativas sobre a sexualidade, almejamos explorar as ressignificações da sexualidade feminina perceptíveis nos filmes, com enfoque nos discursos referentes à gestão do prazer e à governabilidade dos corpos, pelo instrumento da análise fílmica. Em sua parte conclusiva, exporemos, de forma casuística, a aplicação da análise fílmica no filme *Skin* (2009), de Elin Magnusson, em que se pôde constatar, a partir da observação do espaço fílmico, preocupações com a narrativa do prazer sexual em oposição ao senso comum e à pornografia *mainstream*.

Palavras-chave: Pornografia. Feminismo. Sexualidade. Prazer. Corpo.



Introdução

A pesquisa em comento aborda o fenômeno da produção audiovisual de pornografia feminista, sob a perspectiva das teorias feministas, do cinema e dos estudos culturais, em que se busca verificar possíveis ressignificações da sexualidade nos discursos produzidos pelos filmes, a partir das narrativas da gestão do prazer e da governabilidade dos corpos.

O cinema pornográfico é uma instância de reprodução de discursos e práticas sociais que abastece o conteúdo simbólico que forjam as identidades e põem em circulação os sentidos com os quais navegamos pelo mundo. Seguindo o entendimento de Douglas Kellner (2001), os discursos que produzem o cinema reproduzem lutas reais dentro da cultura e sociedade contemporâneas.

Além disso, os territórios em que se encontram os imaginários inscritos sob os signos de sexo, gênero, prazer, corpo e afeto podem ser compreendidos como construções sociais, fruto de transformações sociais, históricas e relações de poder, como afirma Raffestin (1993), de modo que as transformações se configuram em processos de des-territorializações, com o condão de atribuir ou mitigar significados e percepções.

No que diz respeito à primeira problemática da pesquisa, Feminismo e Pornografia estiveram, ou estão, por muito tempo, em oposição. O feminismo de segunda geração argumenta que a pornografia incita o estupro e objetifica a imagem da mulher. Divorciando-se do feminismo anti-pornográfico, a pornografia feminista alinha-se tanto com o feminismo de terceira onda, quanto com o recém-nomeado feminismo de quarta geração, ou quarta onda, que tem raízes na revolução tecnológica e amplificação do uso das redes sociais. Emerge dessa questão uma grande celeuma: se focarmos a problemática isoladamente pelas lentes da discussão das teorias feministas, estaríamos reduzindo a capacidade de alcance da mercadoria cultural como potência de produção de sentido no mundo.

Tentar categorizar as recentes produções como feministas ou não feministas pode resultar em um esforço infrutífero, principalmente quando se leva em consideração o conceito de interseccionalidade dos diversos feminismos. Não se deve ignorar a pornografia feminista como fenômeno de produção cultural, inserido numa sociedade complexa e que eleva o campo da pornografia para um “[...] ‘terreno de disputa’ que



reproduz em nível cultural os conflitos fundamentais da sociedade [...]” (KELLNER, 2001, p. 134).

Metodologia

Para a concretização da análise fílmica, escolhemos alguns filmes que se dizem feministas ou se intitulam como pornografia para mulheres: “Skin”, dirigido por Elin Magnusson, primeiro filme da coleção de treze curtas-metragens de pornografia feminista, “Dirty Diaries” (2009); dois filmes da cineasta sueca Erika Lust, “Gender Bender” e “Ink is my blood” e a obra “Landlocked” (2017), uma produção independente de uma diretora capixaba, Lívia Cheibub, e a produtora Angélica Amalin Abe.

A escolha tenta abarcar várias dimensões da indústria de produção de pornografia feminista, analisando um dos filmes da coleção que inaugurou a discussão sobre o fenômeno (Dirty Diaries, 2009), bem como se propõe a analisar os filmes de Erika Lust, que, provavelmente, é o nome mais conhecido atualmente no gênero. Por fim, tentamos abranger, inclusive, o embrionário mercado nacional de filmes produzidos por mulheres, que se ocupam em representar discursos dissidentes sobre a sexualidade.

A análise de filmes não pode ser burocrática, não há um método único de se fazer, não é finita e é sempre imprescindível conhecer os discursos que originaram o filme, conforme ensinam Jacques Aumont e Michel Marie (2011). Nesse passo, o escopo é encontrar cenas ou estratégias fílmicas utilizadas pelas diretoras para ressignificar a gestão do prazer feminino e a autonomia de seus corpos.

Considerações finais

No que concerne aos estudos pornográficos e do cinema, a obra de Linda Williams, *Hard core – Power Pleasure and the ‘frenzy of the visible’*, publicado pela primeira vez em 1989, é referência no campo. Segundo Mariana Baltar (2010),

“[...] no livro percebe-se uma preocupação em empreender análises textuais e contextuais dos produtos da indústria pornô para se traçar os códigos do gênero e suas implicações na construção do processo de objetificação da mulher, bem como para compreender os mecanismos afetivos (sensoriais e sentimentais) que garantem sua eficácia pedagógica (no sentido de efetivamente conformar valores e atitudes) além da popularidade.” (BALTAR, 2010, p. 4)

De acordo com Linda Williams, o crescimento dos aparatos tecnológicos e de reprodução de obras de arte lastreia uma sociedade que se preocupa cada vez mais



com a lógica da visualidade, paradigma do qual não escapam os imaginários da pornografia. Impera o frenesi do visível, ou princípio da máxima visibilidade. Tal princípio seria definidor do gênero, um imperativo de evidência, perfazendo o vínculo entre a visibilidade e a realidade, ou seja, é real o que é visível. Toda a coreografia dos números sexuais *mainstream* é orientada por esse princípio de máxima visibilidade que vincula o explícito e o real.

Passamos a demonstrar, casuisticamente, os resultados preliminares da análise do filme *Skin*, produzido por Elin Magnusson, que tem duração aproximada de treze minutos e traz duas figuras integralmente vestidas com uma espécie de meia de corpo inteiro, se acariciando e se beijando intimamente. As cenas iniciais investem em repetidos close-ups focados em partes aleatórias dos amantes, como mãos, cotovelos e pés. Até então, não é possível saber o sexo dos personagens.

Percebe-se aqui o primeiro rompimento com a pornografia *hard core*, em que opera o já citado “frenesi do visível”, de Linda Williams (1999). A não exposição explícita dos corpos, especialmente o feminino, tão objetificado e representado na pornografia tradicional e, especialmente, de seus genitais, evidencia a narrativa disruptiva de *Skin*, em que corpos velados insistem em se devorar, lambendo-se avidamente por baixo da camada de tecido e praticando sexo oral. Após o terceiro minuto de filme, os sujeitos começam a cortar o nylon com uma tesoura, paulatinamente, primeiro sobre a boca, de forma a revelar vagarosamente pedaços do corpo e seus pêlos. Nesse ponto, já é possível definir os sexos dos corpos.

Necessário relevar mais alguns eventos fílmicos: apenas nos últimos minutos do filme os corpos são completamente desnudos e a penetração se concretiza. Além disso, inexistente exibição do gozo dos parceiros.

O ato sexual sem a finalização orgástica seria visto como incompleto, ao menos pelos olhos do senso comum, mas ganha um novo enredo nessa perspectiva. Se na pornografia tradicional há a infeliz tendência de agradar ao masculino, desprestigiando o que é anterior à penetração e destacando a finalização no gozo do pênis, os discursos aqui produzidos podem conduzir a uma nova narrativa acerca da sexualidade, incitando os parceiros ao prazer mútuo e não dirigido à prática-fim dos filmes *mainstream*, o gozo masculino.



Figura 1: Corpos velados

Fonte: Skin (2009)

Referências Bibliográficas:

ABREU, N. César. **O Olhar Pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto e Grafia, 2011.

BALTAR, Mariana. **Frenesi da Máxima Visibilidade**: ou como o diálogo do documentário e da pornografia constrói o sentido da vanguarda de Blow Job de Andy Warho. In: 19 Encontro Anual Compós, 2010, Rio de Janeiro. 19 Encontro Anual Compós, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

WILLIAMS, Linda. Hard Core. **Power, pleasure and the frenzy of the visible**. University of California Press, 1999.